



## Desnudando a perversão

Fernanda Zacharewicz

Resenha do livro *A perversão e a psicanálise*

Autor: Luis Izcovich

Tradução: Paulo Sérgio de Souza Junior

Editora Aller – 2019

Entre as publicações disponíveis no campo da psicanálise, há muito pouco escrito sobre o tema perversão. Escrever sobre isso é, sem dúvida, deparar-se com o questionamento feito por parte dos psicanalistas sobre a possibilidade de considerar a perversão enquanto estrutura, ao lado da neurose e da psicose e também com a afirmação de que os sujeitos perversos não vão à análise, ou se vão, não permanecem.

Luis Izcovich não foge a essas questões, todo o contrário. Ele inicia seu livro justamente diferenciando a perversão enquanto estrutura da neurose, da psicose e do que se costuma chamar perversão generalizada. Advoga que o diagnóstico estrutural deve ser dado com base na relação frente a castração. Embora esse apontamento não pareça novo, afirmar isso implica consequências importantes na clínica psicanalítica e no diagnóstico estrutural. Ao pensar a relação do sujeito frente a castração, afasta-se o risco de traçar o diagnóstico pelas práticas sexuais.

O autor recupera a noção freudiana de perversão e o lugar ocupado pelo fetiche nessa estrutura. Com Lacan, segue o desenvolvimento teórico freudiano que constata no fetiche o tamponamento da falta localizada na mulher para o perverso. Neste momento, pensa o fetiche como “substituto do falo que falta na mãe” (p. 40).

Izcovich continua o desenvolvimento teórico seguindo a trilha lacaniana e a virada que a invenção do objeto *a* implica para a compreensão da estrutura perversa. O objeto *a* enquanto o que resta do atravessamento do sujeito pela linguagem, entendido simultaneamente como perda e como o empuxo a compensar essa perda,

ou seja, entendido como mais-de-gozar. É esse mais-de-gozar que se desvela na perversão. O sujeito perverso sabe de seu gozo e como obtê-lo. Seu desnudamento que o difere da fantasia do sujeito neurótico.

O autor também retoma o conceito lacaniano de *père-version* (versão do pai/perversão), esclarecendo que a normalidade do pai implica necessariamente um pai que possa assumir o seu sintoma. “Trata-se de reconhecer a singularidade que lhe é própria e fazer uso dela nas posições que se adotam na vida.” (p. 52). Esse é um dos alicerces para a possibilidade de o filho tornar-se desejante. Na perversão, “a rota que vai em direção ao pai foi obstruída, está sem acesso” (p.54).

Do outro lado do casal parental, encontra-se a mãe. No caso da perversão, a “mulher santa”, aquela para qual o falo não está em um homem, ela o localiza em outro lugar, decidido por ela. Ela faz de seu (sua) filho (filha) o falo que a completa. E, ao mesmo tempo, interdita ao filho a abertura ao desejo.

Com isso, é feita uma análise do caso Hans, de sua fobia, diferenciando-o da perversão. Izcovich lembra que na cena em que Hans fica excitado, sua mãe o repudia, apontando que o desejo dela está em outro lugar. Isso a diferencia da “mulher santa”. A mãe de Hans ela deseja além do filho, abrindo a ele a via do desejo.

Em seguida é apresentado uma análise do caso Gide. Gide, desde tenra idade, volta-se à masturbação frenética, que se dá sob olhar do outro. Dedicase à busca de um gozo sem término, buscando proteger-se, nessa continuidade, do aparecimento da falta. Luis retoma também o lugar do pai de Gide, a quem o acesso do filho estava bloqueado pela mãe/mulher-santa. É importante ressaltar que o desejo clandestino de Gide por jovens de pele escura, é marcado pela sua relação com a tia – não abrindo a possibilidade de um desejo legítimo, condena seu desejo à clandestinidade.

Como não poderia deixar de notar, Izcovich lembra que o trio de mulheres que cerca a vida de Gide é completado por sua prima, Madeleine, com quem mantém um casamento branco. Prima essa que, a partir de sua própria singularidade, vem a ocupar exatamente o lugar da mãe de Gide.

O livro continua e debruça-se sobre a questão da mulher para a perversão. Luis demonstra que o perverso busca completar o Outro, ao colocar-se como objeto para tamponar a falta e fazer existir o não castrado, fazer existir A mulher. Assim, A mulher torna-se seu parceiro de exceção. Izcovich ainda escreve sobre a maior eficácia do masoquista sobre o sádico, já que o primeiro o gozo do primeiro independe de um outro enquanto parceiro. Nesse momento, Sade é retomado e a monotonia da fantasia perversa é explicada pela necessidade de manutenção de um roteiro que assegure o sujeito perverso do não aparecimento da falta.

Até esse momento do livro, acompanhamos Izcovich na apresentação dos estatutos teóricos que concernem à estrutura psicótica e seu diagnóstico. Sem

abandonar essa perspectiva, Izcovich recheia a segunda metade de seu livro com casos clínicos que explicitam a teoria na própria fala de seus analisantes. Há o filho que percebe na risada mãe o desejo dela por sua impotência, o analisante que percebe que o desejo de seu parceiro pode estar alhures.

Resta a Izcovich destrinchar o caso freudiano da Jovem Homossexual e, com ele, aproximar-se da questão sobre a existência de mulheres perversas. O autor começa apontando que neste texto freudiano não há nada relativo a uma localização de um sintoma no corpo ou o relato de uma neurose infantil – o que seria pontos positivos no diagnóstico de uma neurose. O caso se organiza a partir da decepção da Jovem Homossexual com a gravidez de sua mãe. Luis aventa que a Jovem Homossexual se difere de uma histérica pois não tenta recolocar o pai em seu lugar simbólico. O que ela faz é justamente demonstrar ao pai “os limites quanto à sua capacidade de amar” (p. 190), ela ocupa a posição daquela que sabe amar, aperfeiçoando o modelo de amor do pai.

Afirmando-se de seu saber sobre o amor, como é possível compreender o ato suicida dessa Jovem? O autor retoma que é ao perceber o olhar do pai quando ela está com a dama que, por sua vez, acabara de dizer sobre a necessidade de separarem-se, que ela se joga nos trilhos do trem. O olhar do pai causa embaraço, interroga-a como sujeito e frente a isso ela é incapaz de mobilizar a palavra. O embaraço somado à emoção suscitada pelas palavras da dama, apresentam a passagem ao ato como única saída possível. Didaticamente, Izcovich explica a diferença entre a passagem ao ato nas três estruturas clínicas e frisa que na perversão “Frente a opção de prosseguir através do sustentáculo significante, o sujeito elege a recusa da linguagem.” (p. 204).

Embora tenha abordado isso em todos os capítulos anteriores, no final do livro o autor vai dedicar suas páginas ao manejo da transferência no atendimento do sujeito perverso. É interessante que ele retoma o dito de alguns psicanalistas pós-freudianos – que o analista deve ocupar a posição de elástico – e o lê à luz do objeto *a*. Como lacanianos, segundo o discurso do analista, sabemos que o analista deve, na transferência, fazer semblante de *a*. Ou seja, a “[...] ocupar o lugar daquilo que seria o objeto de satisfação do sujeito na fantasia.” (p.229). E, ao final da cura, consentir na posição de dejetivo. É justamente no discernimento do posicionamento de *a* que a elasticidade joga o seu papel, pois tem a ver com poder captar qual o melhor manejo possível na transferência.

A partir de uma tradução rigorosa de Paulo Sérgio de Souza e uma edição primorosa, *A perversão e a psicanálise* “chegou em boa hora, fazia-nos falta este livro” (p. 11), como escreve Andrea Brunetto em seu prefácio à edição brasileira.

Revista digital: [www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/modernoscontemporaneos](http://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/modernoscontemporaneos)



This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License.